

desporto

DESPORTO E SOCIEDADE

Amadeu Gomes de Araújo*

O desporto, nas suas diversas vertentes — educativa, recreativa ou de rendimento — constitui um dos fenómenos sociais identificadores destes anos de transição de milénio. Cria indústrias, promove comércios, gera fortunas; através dos *media*, pinta cenários de vitória e de derrota, exarceba paixões e ódios, arrasta multidões. Ninguém, hoje, é alheio a esta onda gigante — autêntica *tsumani* — que se alastra aos diversos sectores da sociedade em que nos movemos, invadindo áreas como a política, a economia, a tecnologia, a saúde e a cultura¹. Se não é mesmo o fenómeno social mais significativo deste dobrar de século e de milénio, parece consensual, pelo menos, que certos eventos desportivos, como os Jogos Olímpicos de Sidney, constituem os maiores espectáculos da humanidade.

Mais do que mitificá-lo pela nobreza dos valores que exprime, ou que excomungá-lo pelos vícios e doenças que pode transmitir², há que compreendê-lo, há que interpretá-lo a partir das suas múltiplas conexões à realidade social, como «facto social total» que é. Estranhamente, a amplitude do fenómeno desportivo colide com a escassez de estudos sobre a matéria. Se os *media* globalizaram o desporto, tornando-o omnipresente, a literatura que lhe está associada, é, curiosamente, escassa: «Um notório défice de abordagens sócio-filosóficas, antropológicas e axiológicas colo-ca o desporto em desvantagem perante outras formas da praxis humana»³.

Na linha do pensamento sócio-antropológico de Marcel Mauss, o desporto, enquanto «facto social total», permite-nos a análise de instâncias fundamentais da sociedade, como a família, a educação, a economia, a política, a recreação e até a religião, em sentido lato.

A observação da sua evolução histórica, ajudará a compreendê-lo como expressão da sociedade.

* Estudante de doutoramento da Universidade do Porto.

¹ O «quadro das variáveis exógenas do desporto», de D. Guay, permite visibilizar os diversos campos de análise da sociologia e do desporto.

² No princípio do séc. XX, Léon Bloy considerou o desporto «o mais seguro meio de produzir uma geração de cretinos malévolos». E não estava isolado quando assim pensava.

³ Cf./In Bento, Jorge, *O outro lado do Desporto — Vivências e reflexões pedagógicas*. Campo das Letras: Porto, 1995, p. 270.

«OLÍMPIA, MAE DOS JOGOS DE ÁUREAS COROAS»

Embora as origens do desporto venham de longe e se percam no fundo dos tempos, são bem conhecidas as raízes deste desporto que se pratica no dealbar do novo milénio. Sabe-se que é filho paterno do *século das luzes* — que consagrou o primado da razão e da ciência como meios indispensáveis para o progresso e a felicidade dos povos — e materno, da sociedade capitalista, industrial — que consagrou o primado da eficácia e do rendimento. Tais conceitos — progresso, eficácia e rendimento — apadrinharam o desporto, à nascença. Sabe-se que nasceu robusto, másculo e narcisista, e que casou precoce com esta sociedade neoliberal em que vi-vemos — mediatizada, rica e permissiva. Com maior rigor histórico e pro-priedade de linguagem, diremos, citando, que este desporto contemporâneo, embora nascido no séc. XVIII, teve o seu desenvolvimento na Europa já da «segunda metade do século XIX, com as regras e as instituições que conduziram os jogos físicos tradicionais do ritual ao recorde»⁴.

Gerado no frenesim da revolução industrial, o desporto moderno re-produz a imagem e os tiques da sociedade onde nasceu, bem como da sociedade onde hoje se desenvolve, carreando ainda, no seu seio, traços das sociedades primitivas onde tem as raízes. De alguma maneira, exprime o modo de funcionamento destas sociedades por que passou, desde a sua génese, acumulando e transportando experiências das ambições e contradições dos homens, dos seus sonhos, esperanças, vitórias e derrotas. Estudar o desporto é, assim, estudar a própria sociedade primitiva que o gerou, a sociedade industrial que o viu nascer e as sociedades modernas que o ajudaram a crescer ou a o adoptaram: os seus princípios e os seus valores, os seus problemas e as suas crises, as suas ideologias e as suas crenças.

De facto, o desenvolvimento da economia gerou e condiciona o desporto, embora não o explique. E, ao afirmar que o desenvolvimento económico da sociedade europeia gerou e condiciona o desporto moderno, está-se já a afirmá-lo como expressão da evolução económica daquela e, portanto, de algum modo, a afirmá-lo como expressão da sociedade.

Aos homens do princípio do milénio, agrilhoados pela miséria, não lhes sobrava tempo nem disposição para o jogo. Na Europa Ocidental desenvolviam-se as formas feudais, à sombra de Cluny, enquanto na China, propensa ao jogo e ao lúdico, e afirmavam a autoridade imperial dos Song. A Ocidente e a Oriente, a caça e a pesca, por exemplo, eram trabalho árduo — (as mesmas actividades que para milhões de homens de hoje, num permanente retorno às origens, são desporto).

Como escreveu Walter Haddon, filósofo inglês do século XVI, «a arte floresce quando o alimento é abundante». Terá sido também neste sentido que Ortega Y Gasset escreveu que «la cultura no es hija del trabajo, sino del deporte».

⁴ Cf./In Thomas, J. R., Haumont, A. & Levet, J. L., *Sociologie du Sport*, Presses Universitaires de France, 1987, Paris, p. 9.

Fome e desporto não se conciliam, como se explica também pela pirâmide de Mazlow. Foi o crescimento económico que permitiu o desenvolvimento do tempo livre, dos momentos de lazer, do «otium cum dignitate».

Além do tempo livre e do lazer, que a sociedade industrial tornou possíveis, outros importantes factores contribuíram para o êxito do desporto moderno, como a exponencial revolução científica e tecnológica, sobretudo ao nível dos transportes e dos meios de comunicação de massas, que conduziu à globalização. São estes *media* que, funcionando como meios de formatação de imagem e de opinião, e atentos aos índices de audiência e aos balancetes dos lucros da publicidade, associam o desporto ao dinheiro e ao poder, fazendo a apologia do sucesso, praticando o culto do êxito, levando muitos a procurar no desporto a fama e o prestígio dos heróis, ou o dinheiro dos poderosos. De facto, o poder avassalador do desporto contemporâneo é expressão de uma sociedade mediatizada — uma sociedade materialista, voltada para o lucro e/ou o prestígio, com elevado poder de compra e significativa carência de valores.

Assumindo-se como expressão desta sociedade neoliberal, o desporto contemporâneo legitima e apoia os seus valores e as suas práticas, promovendo os mais capazes e passando ao lado dos menos aptos. No desporto, como na sociedade, não há lugar à cooperação. No final das jogadas, sobem ao pódio e aclamam-se os vencedores, enquanto os vencidos são punidos com o esquecimento: «Ai dos vencidos!». Só o resultado final é que conta, independentemente dos meios e dos métodos: os resultados é que ficam para a história, diz-se. E sabendo-se que quando os resultados sobem a um determinado nível criam espectáculo, a nossa sociedade mediatizada, numa dialéctica de interacção, monta enormes espectáculos de alta competição, donde todos tentam tirar dividendos. Nascido e consumido pelo dinheiro do progresso, assim vai o desporto, a milhas de «Olímpia, mãe dos jogos de áureas coroas, senhora da verdade» (Pindaro, *Olímpicas*, VIII, 1-2). O dinheiro lhe deu a vida, o dinheiro lhe consome o espírito.

LUDISMO E DESPORTO: CHAVES DE LEITURA DA SOCIEDADE

Os desportos são expressão dos povos que os criam ou adoptam, das sociedades que os praticam.

Heródoto de Halicarnasso (século V a.C.) conta que quando Trintan-taimes, ouviu dizer que os Gregos lutavam nos Jogos Olímpicos por coroas de oliveira e não por dinheiro, «expressiu uma opinião notabilíssima» a que Xerxes, Rei dos Persas, não deu ouvidos: «Ai, Mardónio, que homens são esses contra quem nos levas a combater, se eles não lutam pela riqueza, mas só pela superioridade». Xerxes que tinha em orgulho o que lhe faltava em inteligência, apodou-os «de cobardes» (*Histórias*, Livro VIII, 26)⁵. Encaminhou-se, deste modo, para a derrota.

⁵ Cf./In Hélade, *Antologia da Cultura Grega*, organizada e traduzida do original pela prof. Maria Helena da Rocha Pereira, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Coimbra, 1971, p. 227.

Nesta saborosa descrição, o *Pai da História* entende o desporto como expressão da sociedade, no caso, como expressão da superioridade do povo grego sobre o povo persa. (Será, cremos, a mais antiga referência escrita ao desporto como espelho da sociedade que o criou).

Mas será que é legítimo, até numa perspectiva epistemológica, partir das práticas desportivas de um grupo para a sua caracterização? Será que é possível determinar a matriz sócio-cultural de um povo ou de um determinado agrupamento, através das respectivas práticas ludodesportivas? O que é que nos leva a crer que o desporto exprime, reflecte, revela a sociedade que o pratica? O que é que nos permite dar o salto?

R. Caillois põe algumas reservas, mas acaba por apoiar a orientação: «É evidente que pretender definir uma cultura a partir, simplesmente, dos seus jogos seria uma operação arrojada e provavelmente enganadora. De facto, cada cultura conhece e pratica simultaneamente um grande número de jogos de diferentes espécies. Acima de tudo, não é possível determinar--se, sem uma análise prévia, quais os que coincidem com os valores institucionais, quais os que os confirmam, os reforçam e também quais, em sentido oposto, os contradizem, os ridicularizam e representam, na sociedade em causa, formas de compreensão ou válvulas de segurança»⁶. O citado investigador de mitos sociais ilustra a sua exposição com um exemplo, que alude a situações como a de Macau, pela referência que faz a jogos de casino e a apostas em animais: «É evidente que os jogos no estádio, na Grécia clássica revelam o ideal da cidade e contribuem para a sua concretização, enquanto, em vários Estados modernos, as lotarias nacionais e as apostas mútuas em corridas de cavalos se opõem ao ideal citado. Não deixam, no entanto, de desempenhar um papel significativo, talvez até indispensável, precisamente na medida em que oferecem uma contrapartida de natureza aleatória às recompensas que só o trabalho e o mérito deviam, em princípio, proporcionar»⁷. O mesmo autor, porém, afirma mesmo existir «uma verdadeira solidariedade entre toda e qualquer sociedade e os jogos que nela predominam. Existe, de facto, uma afinidade, que se vai ampliando, entre as normas dos jogos e as qualidades e os defeitos dos membros de uma colectividade. Esses jogos mais preferidos e mais divulgados manifestam, por um lado, as tendências, os gostos, as formas de pensar mais correntes e, simultaneamente, educam e treinam os jogadores nesses mesmas virtudes e nesses mesmos erros, sancionando neles os hábitos e as preferências. De tal maneira que um jogo que determinado povo prefere, pode, por seu turno, servir para definir alguns dos seus traços morais ou intelectuais, fornecer uma prova de exactidão da sua descrição e contribuir para a tornar mais verídica, ao acentuar os perfis daqueles que se dedicam a esse jogo». E vai mais longe, ao afirmar que «não seria absurdo esboçar o diagnóstico de uma civilização a partir dos jogos que nela prosperam de uma forma especial. De facto, sendo os jogos factores e imagens

⁶ Cf./In Caillois, R., *Os Jogos e os Homens*, Edições Cotovia: Lisboa, 1990, pp. 88-89.

⁷ Ibid.

de cultura, daí decorre que, em certa medida, uma civilização e, no seio de uma civilização, uma época, pode ser caracterizada pelos seus jogos». E acrescenta que talvez o destino de Esparta fosse possível no rigor militar dos seus jogos de ginásio, ou a queda de Roma, nos combates dos gladiadores, e a decadência de Bizâncio, nas disputas do hipódromo.

Seria penoso perspectivar o porvir de Macau, a partir do reduzido desporto que aqui se pratica, a partir dos vastos interesses pelo jogo que aqui fervilham. Contudo, uma investigação deste género estaria baseada em trabalhos que a legitimam. Se o estudo sociológico do desporto pode facilitar o conhecimento das diferentes forças constitutivas de uma sociedade e possibilitar a observação do modo como se articulam, a análise do fenómeno desportivo de Macau poderá ajudar à compreensão da estrutura e funcionamento da sociedade macaense.

Há, como se observou, autores credenciados que confirmam a viabilidade de uma sociedade poder ser caracterizada a partir da análise dos desportos que pratica: além do citado R. Caillois, também A. S. Costa, P. Parlebas, B. Jeu, J. Grittu, N. Elias, entre outros, avalizam tal orientação, se executada com rigor metodológico.

A. S. Costa⁸, associando o desporto às suas origens próximas, afirma que este, como fenómeno social total, de natureza e funcionamento simbólicos, é capaz de expressar a sociedade, de a representar simbolicamente: «Sendo um produto da sociedade industrial, o desporto moderno reproduz, por seu lado, a imagem desta mesma sociedade, com o seu tipo de funcionamento, com a suas crises e contradições e também com os seus sonhos e esperanças». É, assim, possível «analisar, através do desporto, os princípios básicos da sociedade, os valores que a orientam, os problemas que a afligem, as ideologias que a sustentam e os ideais que a norteiam. Se falar do desporto é falar do homem, estudar o desporto é estudar a própria sociedade»⁹.

A natureza e funcionamento simbólicos do desporto permitem que este represente a sociedade, tanto no seu funcionamento global como nas suas múltiplas vertentes: «Ligado às origens da sociedade e companheiro inseparável da sua evolução histórica, o fenómeno desportivo apresenta-se como um micro-cosmos desta mesma sociedade e um espelho de dimensões tais que ela se pode aí rever totalmente, tanto na vertente temporal como na vertente espacial, tanto numa perspectiva sincrónica como numa perspectiva diacrónica»¹⁰.

⁸ Cf./In Costa, A. S., *Desporto e Análise Social*, Separata da Revista da Faculdade de Letras, Sociologia, I Série, Vol. II, Porto, 1992.

⁹ Cf./In Costa, A. S., *À Volta do Estádio — o Desporto, o Homem e a Sociedade*, Campo das Letras: Porto, 1997, p. 18.

¹⁰ Ibid.

